



Chrys Chrystello*

O que é a Lusofonia - Parte 6 (I)

20 anos de colóquios de 2002 - 2022

Ásia recebeu os colóquios da lusofonia, 12 ABR 2011

Havia em mim uma reencarnação do *Dragão* oriental, um dos quatro animais sagrados convocados por *Pan Ku* para a criação do mundo. É um misto de animais místicos: *Olhos de tigre, corpo de serpente, patas de águia, chifres de veado, orelhas de boi, bigodes de carpa*. Simboliza a sabedoria e o Império, com as suas quatro patas. Há uma noção que convém reter: nunca nos seus séculos de existência deixou Macau de fascinar e de marcar indelevelmente os que ali passaram (como comigo, 1976-1982). Aprendi novas linguagens e culturas enriquecendo a bagagem que transporto às costas, caixeiro-viajante de sonhos que insisto em tornar realidade. O poeta devaneia, deus dispõe e o homem executa, estas poderiam ser as palavras que definiriam a génese deste 15º Colóquio. Escreveu *Eduardo Lourenço* (falecido em 2020)

“...os que lá foram para sempre e lá ficaram, há muito que era para o Ocidente a porta aberta e misteriosa para uma quietude capaz de nos curar do nosso demoníaco desassossego. Mas foi a chegada que a converteu para os outros em lugar de todos os sonhos e fantasmagorias. Para nós, todas as viagens são viagens.”

Assim se explica que este 15º Colóquio tenha chegado não numa nau, mas nas asas desse sonho a que chamam Lusofonia, palavra que etimologicamente, significa fala dos lusos, todos, quantos, falando a língua de *Camões*, sentem que algo têm em comum, de idêntico, mas também de diferente dos outros. *Esta definição será sempre um diálogo na secular língua, incluindo os países de língua oficial (e regiões onde a língua é de património e abarcando os que nela trabalham, mesmo que seja língua segunda)*. *Esta Lusofonia teve raízes nos sécs. XV e XVI, quando era a língua de comunicação em todo o mundo. Irmanava povos distintos dos quatro continentes e tornava possível a mercancia. Isto de Lusofonias e Lusotopias tem muito que se lhe diga.*

Com essa língua se criaram comunidades que mantêm os crioulos e a identidade herdada. Com essa língua se casaram e nasceram muitos dos que dela descendem. Os séculos passaram, a influência política desvaneceu-se e os laços religiosos foram irremediavelmente cortados, mas os crioulos de Português perduram como herança universal. Falta muitas vezes aos Estados a visão, o amor e a dedicação pela língua e cultura. Governos e governantes estão de candeias às avessas para a defesa desses valores, tal qual a população de *S. Miguel*, está sempre de costas para o mar, e outras não vivem sem ele, como o *Pico*.

Foi com a percepção da herança ancestral da língua que o Instituto Politécnico de Macau, através dos professores James Li (Changsen) e Choi Wai Hao, teve a visão de ajudar a trazer este Colóquio até Macau, patrocinando-o, reunindo vasto leque de especialistas em várias áreas do conhecimento. Tivemos em Macau representantes dos quatro continentes. Bem hajam por terem tido a sabedoria, de reconhecer a capacidade dos Colóquios e permitirem a partilha imensamente rica da qual esperamos possam frutificar arrojados projetos para anos vindouros.

Normalmente, o oriente veste-se de magia para os ocidentais e Macau acaba por ser mais esotérico nas conceções que dele se fazem fruto de autores que dele fizeram a sua base terrena. Ao contrário de Vasco da Gama não buscamos o caminho marítimo, antes nos deslumbramos com o que foi feito em Macau nos dez anos de regresso à soberania chinesa. Na saga dos navegadores arribamos aos Açores em 2005 para debater a identidade açoriana, escrita, lendas e tradições.

Todos ajudaram a prestar a justa homenagem a *Vasco Pereira da Costa*, escritor convidado. Vieram exemplares das suas obras para que sejam lidos e traduzidos. Os temas escolhidos para 2011 retratam bem a posição dos Colóquios, como construtores de pontes lusófonas entre as *Américas*, do *Brasil* ao *Canadá*, *Açores*, *África*, *Europa* e a *China*. Sempre houve açorianos em *Macau*, foi daqui que o chá partiu para *S. Miguel*, onde existem as únicas plantações europeias.

Além das palestras científicas, houve música, teatro e poesia de Macau, Açores, Galiza e Brasil, graças ao apoio da RAEM e patrocinador, Instituto Politécnico de Macau. Além da viagem e estadia, concedeu apoio logístico à comitiva, e estadia e alimentação dos restantes num gesto magnânimo raro quando todos clamam crise para se escusarem a apoios culturais. A comitiva inclui representantes das três Academias de Língua Portuguesa e dos seguintes países e regiões: Açores, Alemanha, Austrália, Bélgica, Brasil, Bulgária, Canadá, Espanha, EUA, Galiza, Gana, Malaca, Moçambique, Portugal e Rússia.

A longa viagem começada pelas 12:00 dia 9 em Ponta Delgada terminaria em *Macau* dois depois, pelas 16:00 horas locais dia 11 (08:00 PDL) para 31 vian-dantes que se juntaram em *Lisboa*. Sem perdas de bagagem, fomos recebidos no cais pelos representantes do *IPM* e transportados ao luxuoso *Rio Hotel & Casino Macau* onde ficamos dez dias a escassos metros do *IPM*. De manhã teve início, com pompa e circunstância, o 15º Colóquio, com espetáculos musicais de danças e cantares portugueses interpretados por chineses, aprendizes de português há

meros seis meses. Seguiu-se o Cancioneiro Açoriano pelas mágicas mãos da pianista *Ana Paula Andrade do Conservatório de Ponta Delgada* e a jovem soprano *Raquel Machado*.

Depois das sessões do AO 1990, visionou-se um documentário sobre o patuá de Macau seguido do primeiro banquete, oferecido pelo *IPM*, com laivos de corte imperial chinesa: 15 pratos e seis entradas, deixando os presentes de olhos e estômagos plenos de imagens e sabores. Momentos inesquecíveis a antever a hospitalidade oriental e protocolos rígidos, a que todos aderiram. Seria difícil igualar a receção e as honrarias conferidas aos 48 participantes.

O segundo dia começou com o calor habitual 24-29 °C e humidade elevada, fazendo crer que *S. Miguel* nos Açores era seco. De manhã, o roteiro cultural pela Macau antiga, organizado pela *Rosário Girão*, em homenagem a *Henrique de Senna-Fernandes*, com início na lendária Gruta de *Camões*, onde num momento de magia inolvidável, se declamou poesia de Macau, Galiza, Brasil, África, Açores com as vozes de *Vasco Pereira da Costa*, *Chrys*, *Concha Rousia* e *Luciano Pereira*, ao som de fundo do *Lian Gong* (a ginástica matinal chinesa), frente à Gruta. Depois, a visita ao excelente Museu de Macau, à reprodução dos modos de vida, fachadas típicas da construção luso-macaense, e a obrigatória visita às ruínas da Catedral de *S. Paulo*, ex-líbris que o fogo quase consumiu na totalidade há mais de 200 anos. A visita terminou na Livraria Portuguesa onde se percorreram autores macaenses, e o banquete português com caldo verde, bolos de bacalhau, oferecido pela Fundação Macau no restaurante *Pinnocchio's* da Taipa, ora remodelado e com três andares em vez do andar térreo que conhecia da década de 1970.

As sessões da tarde dedicadas a autores macaenses e sessão especial na Livraria Portuguesa onde *Vasco Pereira da Costa*, *Anabela Mimoso* e *Chrys Chrystello* apresentaram novos livros. A sessão começou com a homenagem ao dono, jornalista *Ricardo Pinto*, pela colaboração dada a um programa mítico da rádio TDM em 1980 (*O Uísque e a Cola*, de *Chrys Chrystello*). Curtas apresentações, entrevistas e abalada para o Forte de *Mong Há* e Pousada para o banquete do Instituto de Formação Turística, com deliciosos pratos confeccionados pelos alunos.

A manhã do terceiro dia dedicada a autores macaenses, mais um banquete e homenagem a *Vasco Pereira da Costa*, e *Eduardo Bettencourt Pinto* (Canadá). Fomos ao Instituto Internacional de Macau celebrar um protocolo, palestra do ex-governador *Garcia Leandro*, banquete ao ar livre. Na última manhã textos dedicados a Macau e Açores estabelecendo as pontes que o Colóquio ia construir entre as insularidades da Lusofonia afastadas continentes e oceanos. *Ao almoço, banquete oferecido pela Direção dos Serviços de Turismo no luxuoso Hotel Lisboa Grand.*

Na sobremesa, a correr de volta para o *IPM* e celebrar o Memorando de Entendimento entre os Colóquios e o *IPM*, com a presença de todos os convidados e vinte membros da comunicação social, com a habitual troca de presentes e formalidades protocolares. Seguiu-se a última sessão académica antecedendo agradecimentos, empenho de regresso, e promessas de lutar contra a extinção do crioulo. Por fim, o toque mágico da viagem pelo mundo lusófono musical com atuações de representantes da Lusofonia, da Índia a África e Ásia, com passagem obrigatória pelos Açores. Terminava de forma sublime e mágica deixando lágrimas nos presentes, desejosos de voltarem uns e outros ansiosos por aqui se fixarem. Os três dias seguintes, por conta de cada um, foram para visitar *Zuhai*, *Taipa* e *Coloane*, a Rua das *Mariazinhas* e antecedendo o último dia dedicado a explorar à “vol d’oiseau” a enorme metrópole que é *Hong Kong*. Dos luxos e iguarias não falaremos pois o profissionalismo e rigor científico foi a marca deste 15º Colóquio. A cidade do *Santo Nome de Deus*, dez anos após o regresso à pátria chinesa, ferve de vida e de progresso. Parafraseando *Cristóvão de Aguiar* direi da Língua de todos nós:

Amo-a sem o empecilho da palavra.

O Amor aprende-se, cultiva-se, rega-se.

Necessária uma predisposição íntima onde se alastre essa Ferida Amável, como tão eloquentemente escreveu, em título de livro, o Poeta Egito Gonçalves. Os poetas têm sempre razão!”

Cristóvão de Aguiar (in Nova Relação de Bordo, diário ou nem tanto ou talvez muito mais, Pub. D. Quixote, 2004)

É esse amor de poeta que nos trouxe a Macau para o maior Colóquio até hoje.

*Continua